

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/352879002>

LADO B LADO A " : REFLEXÕES SOBRE O LAZER E A ARTE COMO RESISTÊNCIA DOS CORPOS PERIFÉRICOS NAS CIDADES

Article · September 2020

CITATIONS

0

READS

83

2 authors, including:



Daniel Souza

Universidade Federal do Paraná

10 PUBLICATIONS 8 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



"Alemanha sem passaporte": a institucionalização esportiva e a constituição do habitus na cidade de Blumenau, SC (1919-1989) [View project](#)



LADO B LADO A”: REFLEXÕES SOBRE O LAZER E A ARTE COMO RESISTÊNCIA DOS CORPOS PERIFÉRICOS NAS CIDADES

Daniel Minuzzi de Souza¹

Wanderley Marchi Júnior²

^{1,2}Universidade Federal do Paraná

e-mail¹: daniel.souza@ifc.edu.br

mail²: marchijr@ufpr.br

RESUMO

No presente texto realizamos uma análise sociocultural de um produto artístico, o álbum Lado B Lado A (1999), da banda carioca O Rappa. O contexto da pandemia serviu de inspiração para pensarmos o papel da arte como elemento de resistência dos indivíduos frente ao confinamento e isolamento social e ao mesmo tempo como elemento de resistência dos indivíduos que vivem nas periferias na busca por se fazerem ouvir. Para isso nos propomos a estabelecer um diálogo com autores dos campos da sociologia (Norbert Elias e Pierre Bourdieu) e da história (Michel de Certeau), considerando aspectos das políticas públicas e a intervenção Estatal na esfera social, bem como as manifestações do lazer e sua potencialidade mimética e catártica. Inicialmente apresentamos o contexto da pandemia e a sua relação com a esfera micro e macrosocial e uma pequena digressão sobre o contexto sociocultural de que a obra em análise foi produzida. Num segundo momento partimos para análise de algumas músicas selecionadas do álbum “Lado b, Lado a, e por fim apresentamos nossas considerações finais.

Palavras-chave: Arte. Resistência. Pandemia.

ANTES DE APERTAR O PLAY LEIA O ENCARTE

O período de pandemia que nos mantém em confinamento e isolamento social, no ano de 2020, tem sido muito complexo e de difícil enfrentamento. Mais difícil para uns do que para outros quando pensamos na necessidade de sobrevivência e a ameaça do desemprego. Movidos pelo medo do vírus uma parcela da população consegue se manter por um período maior em isolamento, mas também movidos pelo medo do desemprego e da fome uma boa parte da população brasileira, aquela que vive do seu próprio trabalho, e não do trabalho dos outros, precisa continuar enfrentando o vírus nas ruas das cidades, pegando o ônibus, se expondo e expondo os que os cercam e compõem as suas teias de relações.

A dívida histórica do Estado brasileiro com os trabalhadores, resultante de processos grupais de longa duração, também se manifesta nas disputas que ocorrem entre dominados e dominantes dentro da estrutura social e pode ser vista, por exemplo, na dificuldade para aprovar e manter um auxílio emergencial¹ de 600 R\$. Ao passo que na última semana do mês de julho foram divulgados resultados pela revista Forbes que demonstram que os bilionários brasileiros aumentaram a sua riqueza em U\$ 34 bilhões² durante a pandemia.

No momento contemporâneo da política nacional, e não apenas no Brasil, percebemos um movimento governamental neoliberal, marcadamente por um Estado que se que se faz presente e benevolente para os mais ricos ao, por exemplo, isentar os impostos, fazer renúncias fiscais, e até mesmo mobilizar o campo político para não colocar na pauta das discussões a taxação das grandes fortunas, mas que se mostra austero à grande maioria da população com uma série de reformas, como a trabalhista a previdência, e mais recentemente pautar a reforma administrativa. Reformas que retiram direitos sociais previstos na constituição cidadã de 1988 por meio de emendas constitucionais bem articuladas no campo político.

¹ Renda complementar oferecida aos trabalhadores durante a pandemia do COVID 19 no ano de 2020. Disponível em : < <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/03/30/coronavirus-senado-aprova-auxilio-emergencial-de-r-600>>

² Segundo dados do “ranking dos bilionários da revista Forbes” o patrimônio líquido dos mais ricos subiu de U\$ 123,1 bilhões, no mês de março, para U\$ 157,1 bilhões no mês de julho. O mesmo crescimento pode ser percebido na América latina e Caribe. Disponível em: < <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/07/27/relatorio-oxfam-desigualdade-pandemia.htm>>

A austeridade mais uma vez se mostra como solução em momentos de crise, e a balança de poder tende a pesar para o lado da conservação do mundo social. Toda via, o contraditório é que essa conservação do mundo social se paute em um anseio da população por um basta na corrupção ocorrida nos últimos governos brasileiros (corrupção que foi bastante midiaticizada durante as gestões do Partido dos Trabalhadores). De maneira que, surfando na onda das mudanças, os políticos (profissionais) podem ver uma ameaça ao seu “monopólio dos profissionais” (BOURDIEU, 1989), tem que se adequar a esta tendência, do contrário abrem espaço aos “políticos profanos”(o que parece ter acontecido com o fenômeno do bolsonarismo que elegeu inúmeros desconhecidos para importantes cargos públicos nas eleições de 2018), utilizando-se de um “novo sistema de crenças”, ou crenças em novos políticos. Importante destacar que para Bourdieu (1989) o poder político seria uma espécie de poder simbólico sendo que o jogo que ocorre neste campo se dá por meio de uma disputa simbólica entre conservação e transformação do mundo social. Para que se domine o campo é preciso ter capitais, competências, carisma e reconhecimento. É necessário um sistema de crenças, créditos que são reconhecidos socialmente que podem ser percebidos quando o poder do homem político está associado, por tanto, “a confiança que um grupo põe nele” (BOURDIEU, 1989 p.188). Esta confiança e o acúmulo de forças dentro do campo político também se relacionam com a capacidade de mobilizar forças fora dele.

O contexto da pandemia, sé é possível dizer que teve algum ponto positivo, nos proporcionou ficar mais tempo em casa e potencializou as “navegadas” pelo *youtube*, que nos levaram a um reencontro com a música nacional. O interesse reacendeu à medida em que começamos acessar alguns canais sugeridos aleatoriamente em nossa lista de reprodução desta plataforma. Ao acessarmos alguns destes canais (de músicos profissionais e de professores de canto de diversos países) ocorreu um desencadeamento de novas sugestões, e na medida em que consumíamos esse material audiovisual foi possível perceber o quanto a nossa música emociona esses estrangeiros, e conseqüentemente a nós mesmos, quando fomos levados a refletir a respeito da diversidade brasileira, a qualidade de nossos artistas e a nossa riqueza cultural. O que nos levou a retomar alguns artistas e estilos que há bastante tempo não escutávamos, com destaque para a arte que emerge das periferias. A escolha por esta arte periférica, talvez seja um reflexo de um momento de sensibilização que a pandemia nos possibilitou, e até mesmo uma inconformidade com a situação de estar em casa confinado, enquanto milhões de pessoas só teriam, minimamente, essa possibilidade na medida em que recebessem o auxílio emergencial.

Escutamos muitos estilos e artistas, entre eles o samba (Cartola, Bezerra da Silva, Demônios da Garoa), o Rap (Racionais, Sabotagem, R.Z.O, Criolo, Mcida), a *Soul Music* (Tim Maia, Jorge Bem), a MPB (Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, Os Novos Baianos), mas principalmente o Rock Nacional (o Rappa, Nação Zumbi, Titãs). Dentre as produções dos artistas que referenciamos uma chamou-nos a atenção, o álbum, da banda carioca “O Rappa”, intitulado “Lado B, Lado A”, lançado em 1999.

Escolhida a obra, para realizar a nossa reflexão se fez necessário apresentar, minimamente, o cenário nacional (contexto macro e microssocial) em que foi lançado o álbum, no ano de 1999. O contexto político, em uma esfera macrossocial, da época era de início de uma estabilidade econômica, com o plano Real, mas ainda de pouco investimento público e desenvolvimento de políticas públicas voltadas ao bem estar social. O que só viria acontecer, especialmente na década seguinte. Segundo Castro (2012) *apud* Camargo (2020, p.37) entre os anos 2000 e 2010 houve um aumento bruto de 4% nos gastos públicos com políticas sociais, elevando para 25,2 % do produto interno bruto (PIB), o gasto bruto para atender demandas sociais. Período em que foi possível desenvolver políticas de *welfare state* prevista na constituição cidadã de 1988.



Figura 1: Arte de capa e contra capa do álbum
Fonte: O Rappa (1999)

A figura 1, que se refere ao encarte do álbum, nos remete a pensar no contexto político em uma esfera microssocial, da periferia da cidade do Rio de Janeiro, com grafites que fazem referência ao sincretismo religioso (imagem de São Jorge, e orixás), disputas entre o Estado e

a população, (policial fardado com a roupa do “choque”, um cangaceiro, um indivíduo com o rosto encoberto), referência ao carnaval e a praia (corpo seminu).



Figura 2: arte presente no encarte do CD.
Fonte: O Rappa (1999)

Ao mesmo tempo, estas imagens nos levam a pensar na relação entre o contexto macro e micros social, e da presença do Estado na vida das pessoas, seja pelo monopólio da violência física (Elias, 1994), seja na falta de desenvolvimento de políticas sociais, como é possível verificar também na figura 2 em que temos uma referência ao tráfico de drogas, quando apresenta uma criança com uma arma em uma mão e um urso de pelúcia em outra mão, essa criança está dentro de uma edificação em uma favela.

Lado B Lado A foi o último disco da banda que contou com a participação do artista e ativista Marcelo Yuka, que rompeu com o grupo depois que ficou paraplégico após tomar um tiro na coluna numa tentativa de assalto no Rio de Janeiro. Depois do ocorrido teve algumas divergências com os integrantes de *O Rappa*. Saindo da banda continuou engajado nos movimentos sociais e ONGs da periferia, criou a banda *F.U.R.T.O* (Frente Urbana dos Trabalhadores Organizados), também foi roteirista de histórias em quadrinho antes de falecer em 2019. Coincidentemente os discos produzidos pela banda “o Rappa” após a saída de Yuka não tiveram a mesma “pegada política” de resistência. A partir de um olhar pessoal entendemos que com o passar do tempo os discos acabaram ficando mais comerciais, houve uma busca por uma ampliação do público consumidor que se estendeu até o encerramento das atividades da banda no ano de 2018. Também não podemos descartar que estas mudanças

podem guardar relação com o momento político de maior estabilidade econômica que ocorreu entre a primeira década e meados da segunda, do século XXI, em que ocorreu maior investimento do Estado em políticas sociais.

Lado B Lado A é considerado um dos melhores da história do Rock nacional³, com faixas que foram muito pedidas nas rádios e com videoclipes “primorosos” que demonstram parte do cotidiano das periferias do Rio de Janeiro, a vida simples de trabalhadores, a violência dos confrontos entre a polícia e os moradores do morro, o tráfico de drogas, e ao mesmo tempo os focos de resistência manifestos no sincretismo religioso e na fé, bem como na cultura popular do futebol e do samba. Esse álbum pode gerar muitas interpretações, entre elas uma referência as antigas fitas cassetes e discos de vinil, que possuíam dois lados. Pode ser compreendido como uma denúncia de um lado sombrio e triste das periferias cariocas e por outro como potência que emerge desses focos de resistência da periferia. Também podemos pensar que as músicas mais comerciais, aquelas mais consumidas, mais pedidas nas rádios, nos videoclipes da *Music Television Brasileira* (MTV Brasil), as mais pedidas nos shows, ou ainda, as como maior visualização no *youtube*, podem ser as consideradas as do lado a, com destaque para as músicas: *O que sobrou do céu; A minha alma; Me deixa; Lado B Lado A; O homem amarelo*. Entre as menos consumidas, que caracterizamos como as do lado b: *Tribunal de rua; Favela; O Cristo e Oxalá; e Na palma mão*.

Uma característica nos chama a atenção, as músicas do “lado a” não deixam de trazer em seu cerne o “lado b”, apesar de serem as mais consumidas elas estão carregadas de sentidos do “lado b”. Há uma porosidade, uma fluidez que permite ao público consumidor se “aproximar” de uma dimensão da realidade social das periferias cariocas. As letras narram como seus moradores convivem com a violência e desamparo do Estado e ao mesmo tempo revelam o poder e a beleza da cultura popular, expressas na música, poesia, grafite.

Nestes cenários notadamente percebemos uma “cultura no plural” em que as práticas culturais emergem como uma “invenção do cotidiano” (CERTEAU, 1994; 2001). Para o historiador “[...] a cultura pode ser comparada com esta arte, condicionada pelos lugares,

³ Eleito pela revista *Rolling Stones* entre os 100 melhores álbuns brasileiros, considerando todos os gêneros musicais. Disponível em: <
<https://web.archive.org/web/20170203140652/http://rollingstone.uol.com.br/listas/os-100-maiores-discos-da-musica-brasileira/>>

regras e dados; ela é uma proliferação de invenções em espaços circunscritos” (CERTEAU, 2001, p. 19).

Sobre a obra *Lado B Lado A* podem ser feitas análises com diferentes enfoques teóricos e metodológicos, com destaque para uma análise semiótica feita por Silva (2009)⁴, todavia, para o presente trabalho nos propusemos a refletir sobre algumas músicas do disco estabelecendo um diálogo com as teorias do processo civilizador de Norbert Elias, teoria das práticas de Michel de Certeau, e a teoria dos Campos de Pierre Bourdieu.

Assim elencamos algumas questões para reflexão quais sejam: Qual a contribuição da arte para resistirmos ao confinamento e isolamento social? Qual a potencialidade da arte em contextos de pouco investimento social por parte do Estado?

Matos (2011) nos dá indícios para pensar a gênese da resistência criativa, que se daria no estabelecimento de um diálogo entre os conceitos de agência – “atitudes cotidianas dos sujeitos ocultos, através da microresistência” (p.13) – de Michel de Certeau, e o de *habitus* – “um conjunto de relações históricas depositadas nos corpos individuais na forma de esquemas mentais e corpóreos de percepção, apreciação e ação” (p.7) - de Bourdieu.

Para facilitar o entendimento do leitor, apresentamos os passos metodológicos adotados para as discussões que realizamos. Primeiro apresentar algumas letras que consideramos ser mais populares (lado A), depois as letras menos populares (lado B), e finalizamos analisando as músicas que dá nome ao álbum, intitulada ‘Lado B, Lado A’. Após aprearmos a sequência de exposição das músicas, passamos à exposição dos procedimentos adotados para as discussões. Primeiramente apresentamos a letra da música na íntegra, sublinhando as passagens que “nos saltam aos olhos”, trechos, que serão objetos de análise. Na sequência retiramos estas passagens da letra e a inserimos no corpo do texto, apresentando-as em negrito, momento em que tecemos algumas reflexões conceituais.

⁴ Dissertação defendida na USP, no ano de 2009, no Programa de pós-graduação em Semiótica e Linguística com o título de “Lado B, Lado A- uma crônica Social: análise semiótica do CD do Rappa.

Coloca o fone e aperta o *play*

“Me deixa”

Pode avisar, pode avisar
Invente uma doença que me deixe em casa pra
sonhar

Pode avisar, podem avisar
Invente uma doença que me deixe em casa pra
sonhar

Com o novo enredo outro dia de folia

Com novo enredo outro dia de folia

Eu ia explodir eu ia explodir

Mas eles não vão ver os meus pedaços por aí

Eu ia explodir

Mas eles não vão ver os nossos pedaços por aí

Me deixa que hoje eu 'to de bobeira, bobeira

Me deixa que hoje eu 'to de bobeira, bobeira

Hoje eu desafio o mundo sem sair da minha casa

Hoje eu sou um homem mais sincero e mais justo
comigo

Hoje eu desafio o mundo sem sair da minha casa

Hoje eu sou um homem mais sincero e mais justo
comigo

Podem “os homem” vir que não vão nos abalar

Os cães farejam o medo, logo não vão me encontrar

Não se trata de coragem, mas meus olhos estão
distantes

Me camuflam na paisagem

Dando um tempo pra cantar

Me deixa (deixa, deixa) hoje eu 'tô de bobeira,
bobeira

Me deixa que hoje eu 'tô de bobeira, bobeira

(repete a letra)

Essa música nos fez pensar a relação com a pandemia quando sugere que **“inventem uma doença que me deixem em casa pra sonhar”**, e posteriormente quando menciona que **“eu ia explodir, eu ia explodir, mas eles não vão ver os meus pedaços por aí”**, esse trecho nos faz pensar na importância das práticas esportivas e de lazer, para o processo civilizacional pelo seu papel de controle das emoções devido seu efeito catártico, e o quanto essas práticas nos fazem relaxar as tensões.

Até onde se pode verificar, a maioria das sociedades humanas desenvolve algumas contramedidas em oposição às tensões do stress que elas próprias criam. No caso das sociedades que atingiram um nível relativamente avançado de civilização, isto é, com relativa estabilidade e com forte necessidade de sublimação, as restrições harmoniosas e moderadas, na sua globalidade, podem ser observadas, habitualmente, numa considerável multiplicidade de actividades de lazer, que desempenham essa função, e de que o desporto é uma variante. Mas, para cumprir a função de libertação das tensões derivadas das pressões, estas actividades devem conformar-se a sensibilidade existente face à violência física que é característica dos hábitos sociais das pessoas no último estágio de um processo de civilização. (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 69-70).

São os “paliativos”, momentos de relaxamento, momentos de ócio, literatura a música, o cinema, um vinho, uma cerveja, formas de alterar o nosso estado de consciência. Um ponto que é abordado na obra é o tráfico de drogas. Quando pensamos que em muitas residências da

classe média o consumo de drogas recreativas, como a maconha e a cocaína, estabelece entrelaçamento centro e periferia, entre a classe média e as favelas, uma relação de oferta e demanda de entorpecentes. Nesse sentido estes momentos, nos levam a pensar em configurações que colocam a violência policial nas favelas para repressão do tráfico de drogas, e que esse cenário de guerra mostra uma dificuldade para o avanço civilizacional, pela forma de intervenção estatal em que o monopólio da violência física estatal (ELIAS, 1993) é posto à prova pelo poderio bélico das organizações do tráfico, ou pelos comandos do tráfico. Sem esquecer das organizações paramilitares, como as milícias que também disputam o poder nesse espaço social.

O isolamento e confinamento social no Brasil quando pensado numa dualidade (lado a lado b) pode revelar algumas contradições em nossa sociedade. Enquanto o cenário força os indivíduos de menor poder aquisitivo a saírem de casa para trabalhar, a elite e classe média podem realizar suas tarefas na modalidade *home office* e *homeschooling*. A cidade passa a estar ocupada pelos menos favorecidos, porém, com os parques, museus e outros espaços públicos fechados para a visita parece que essa ocupação da cidade fica restrita a esfera do trabalho. Se pensarmos nos tempos da chamada “normalidade” parece ser o contrário, às elites e classe média podem ocupar a cidade também em seus espaços de lazer durante o seu tempo livre, enquanto os trabalhadores da periferia se quer tem espaços públicos de lazer, como os parques para se divertirem. Infelizmente a ocupação destes espaços é mais difícil para os pretos, e pobres pois carregam na pele o estereótipo sintomático de séculos de capitalismo escravocrata e expressam inferioridade nos “potenciais de poder” (ELIAS e SCOTSON, 2000). Para além de um racismo cultural ele está inscrito na estrutura social.

Num contexto geopolítico em que a especulação imobiliária, ou “superespeculação” (BASTOS, 2018) vai comprando terrenos e/ou expulsando os então moradores cada vez mais para a periferia, não é incomum encontrarmos reportagens⁵ sobre incêndios criminosos nas favelas, vinculados ao mercado imobiliário. Brigas por ocupação e desocupação, reintegração de posse parece estar em ebulição nas grandes cidades, cenas que também aconteceram durante a pandemia impulsionados pela grande concentração de pessoas, por maiores períodos, em moradias precárias e pequenas tende a agravar a situação.

⁵ Reportagem do Jornal The Guardian do ano de 2017, disponível em; <
<https://www.theguardian.com/cities/2017/nov/27/revealed-fires-sao-paulo-favelas-higher-value-land>>
acessado em: 20 out. 2020.

Nesse sentido espaços de manifestação cultural das periferias, como as escolas de samba, os clubes e salões dos bailes funk, parecem ser um local para a diversão e para a resistência. Nesses locais, há encontros, música, poesia, dança, arte, grafite, rap, funk, entre outros produções, que podem denotar focos de ruptura, focos de resistência.

Para Michel de Certeau “os mecanismos de resistência são os mesmos, de uma época para outra, de uma ordem para outra, pois continua vigorando a mesma distribuição desigual de forças e os mesmos processos de desvio que servem ao fraco como último recurso, como outras tantas escapatórias e astúcias vindas de imemoriais inteligências, enraizadas no passado da espécie” (CERTEAU p. 19, 2001). Nessa esteira, pensado em dois contextos e em dois grupos sociais distintos, há algo que os une, essa sensação de bem estar, felicidade, prazer que pode ser expressa pelo refrão da música “me deixa, que hoje eu estou de bobeira, bobeira”. Estabelecendo um diálogo com Elias (2011), nos parece que, se os menos favorecidos não conseguem esses momentos de “bobeira” para desenvolver um autocontrole das pulsões ficam reféns da violência física.

A próxima música seleciona se chama “**A minha alma**”.

A minha alma 'tá armada
E apontada para a cara do sossego
Pois paz sem voz paz sem voz
 Não é paz é medo
 Às vezes eu falo com a vida
 Às vezes é ela quem diz
Qual a paz que eu não quero
Conservar para tentar ser feliz
 Às vezes eu falo com a vida
 Às vezes é ela quem diz
 Qual a paz que eu não quero
 Conservar para tentar ser feliz
 A minha alma 'tá armada
 E apontada para a cara do sossego
 Pois paz sem voz paz sem voz
 Não é paz é medo
 Às vezes eu falo com a vida
 Às vezes é ela quem diz

Qual a paz que eu não quero
 Conservar para tentar ser feliz
 Às vezes eu falo com a vida
 Às vezes é ela quem diz
 Qual a paz que eu não quero
 Conservar para tentar ser feliz
As grades do condomínio são para trazer proteção
Mas também trazem a dúvida se é você que 'tá nessa
prisão
Me abrace e me dê um beijo
Faça um filho comigo
Mas não me deixe sentar na poltrona no dia de
domingo, domingo
Procurando novas drogas de aluguel
Nesse vídeo coagido
É pela paz que eu não quero seguir admitindo
 (repete a letra)

As reflexões que emergiram de “**a minha alma**”, são no sentido de pensarmos na apatia em frente à televisão, ao assistir programas de auditório no “**dia de domingo**”, com

uma pretensa segurança de um condomínio protegido por grades, mas o que não deixa de ser uma prisão. A pessoa é chamada para a vida, para o amor, e para ação. Nos fez pensar na necessidade de uma educação para o lazer e de uma luta constante para garantia do direito ao lazer, que está prevista no artigo 6º constituição de 1988, um lazer que não seja mercadoria.

Vejam a letra da música “tribunal de rua”.

A viatura foi chegando devagar	<u>De geração em geração</u>
E de repente, de repente resolveu me parar	<u>Todos no bairro já conhecem essa lição</u>
Um dos caras saiu de lá de dentro	<u>O cano fuzil, refletiu o lado ruim do Brasil</u>
Já dizendo, aí compadre, você perdeu	<u>Nos olhos de quem quer (quem quer)</u>
Se eu tiver que procurar você tá fudido	<u>E me viu único civil rodeado de soldados</u>
Acho melhor você ir deixando esse flagrante comigo	<u>Como se eu fosse o culpado</u>
<u>No início eram três, depois vieram mais quatro</u>	<u>No fundo querendo estar</u>
<u>Agora eram sete samurais da extorsão</u>	<u>A margem do seu pesadelo</u>
Vasculhando meu carro	<u>Estar acima do biotipo suspeito</u>
Metendo a mão no meu bolso	<u>Mesmo que seja dentro de um carro importado</u>
Cheirando a minha mão	Com um salário suspeito
<u>De geração em geração</u>	Endossando a impunidade à procura de respeito
<u>Todos no bairro já conhecem essa lição</u>	Mas nesta hora só tem sangue quente
<u>Eu ainda tentei argumentar</u>	E quem tem costa quente
<u>Mas tapa na cara para me desmoralizar</u>	Pois nem sempre é inteligente peitar o fardado
Tapa na cara pra mostrar quem é que manda	alucinado
Pois os cavalos corredores ainda estão na banca	Que te agride e ofende para te levar alguns trocados
Nesta cruzada de noite encruzilhada	<u>Era só mais uma dura</u>
Arriscando a palavra democrata	<u>Resquício da ditadura</u>
Como um Santo Graal	<u>Mostrando a mentalidade de quem se sente</u>
Na mão errada dos homens	<u>Autoridade neste tribunal de rua</u>
Carregada em devoção	

Essa música, se refere as batidas e extorsões policiais, sofridas pelos trabalhadores das periferias, especialmente o povo preto com seu “**biótipo suspeito**” para “**o fardado alucinado**”. A música também revela nossa triste herança de uma ditadura cujos ditadores não foram condenados no país e que possivelmente seus *modus operandi* continuam a ser ensinados nos quartéis da polícia e do exército, se reproduzindo com um *habitus* nessa configuração.

Músicas menos consumidas como “favela” e na “palma da mão”, consideradas mais lado B, trazem grandes reflexões.

“Favela”

Vá dizer pra ela que o curral do samba é a passarela

Vá dizer pra ela que o rio de janeiro todo é uma favela.

Sinhô, Candeia, Noel, Cartola, Adoniram

Vá dizer pra ela que o rio de janeiro todo é uma favela.

Vá dizer pra ela que o som que eu faço vem lá da favela.

Me vem na memória as rodas de samba

É batuque na palma da mão

Roda de samba de bamba

Velha guarda, portela

Velha guarda, mangueira

Viola, jamelão

Vá dizer pra ela que o curral do samba é a passarela,

Vá dizer pra ela que o rio de janeiro todo é uma favela,

De Madureira à Sepetiba, passando por santa cruz,

Bate bola de bexiga de boi

Bate bola de sebo de bexiga de boi

É nos terreiros do samba

Que a molecada cresce e ama sua escola

E faz as mãos e os pés sangrar

Quando os anos passam

Quando ele se emociona

De ver sua escola ganhar

Essa música nos fez refletir sobre a indústria cultural (ADORNO E HORKHEIMER, 1985), e a mercadorização da cultura, o que poderia representar a morte do samba, mas ao mesmo tempo um lado B representado pelos indivíduos que conseguem por meio de suas identidades culturais, manifestas nas táticas, “arte do fraco” como diria Certeau (2001), se libertar desse domínio industrial que representaria a estratégia dominante.

Ao mesmo tempo que há uma mundialização da cultura (ORTIZ, 1994), pela globalização da economia, há resistências, marcadas pelos sentidos e significados que os indivíduos atribuem a estas manifestações culturais. Parece ocorrer uma disputa pela hegemonia dos sentidos.

O lado B e o lado A, se inter-relacionam mutuamente, “Ela” num momento é a “favela” e em outro é a “cidade”. Podemos pensar no lazer como mercadoria a ser consumida no carnaval do Rio de Janeiro, em que o curral - lugar que o gado fica preso, para o abate representado pela passarela (sambódromo do Rio de Janeiro) é a morte do samba. Por isso o lado B manda o recado: “**vá dizer pra ela que o curral do samba é a passarela, vá dizer pra ela que o Rio de Janeiro todo é uma favela**”. Ao mesmo tempo em que pede para o samba lembrar da sua origem, afirma que a cidade toda é uma favela, ou seja, ela é o ponto de partida e de chegada do samba. Pede para falar para cidade que o som é da favela, que o lugar

do samba é na favela. Uma parte oculta na letra da música, só é possível de ser ouvida a partir do minuto três, (quase no final da música) e diz, **“ah se o samba voltasse pra favela, ah se ele voltasse pra lá”**.

E esse retorno ao passado é feito com referências a velha guarda das escolas de samba da Portela e da Mangueira, ao citarem grandes sambistas e compositores, entre eles Noel Rosa, Adoniran Barbosa, Cartola, Jamelão, entre outros.

Também demonstra uma relação identitária com a comunidade e com as escolas de samba que se inicia na infância quando dizem que **“é nos terreiros do samba, que a molecada cresce e ama sua escola. E faz a mão e o pé sangra. Quando os anos passam. Quando se emociona, em ver a sua escola ganhar”**. Também fala sobre jogar bola próximo aos terreiros do samba com bexiga de boi. Aqui nos parece uma relação muito forte iniciada pela brincadeira, pelo corpo que se movimenta carregado de sentidos. Ao mesmo tempo que criticam o samba como uma mercadoria consumida no carnaval, mostram que a identidade e o orgulho dos seus integrantes que crescem junto com a escola, em vários sentidos. Trabalham na, pela e com a escola de samba, um espaço de sociabilidades que os marca culturalmente. O que nos leva a perceber que há fissuras na “indústria cultural” feitas por uma resistência de anônimos, com táticas sutis e silenciosas que os permitem consumir e ao mesmo tempo serem anticonsumo, resistem disputando dentro do campo. Como preconizou Michel de Certeau (2001) “a ordem é jogar”.

Outra música, considerada lado b, chamada “na palma da mão”

“Na palma da mão”

<u>O negro pisou no topo do morro</u>	<u>Inspirou uma calma</u>
<u>Pegou sua viola e tocou pro povo</u>	<u>E misteriosamente alegre é</u>
<u>Pro povo do crime</u>	<u>Sufocando o pior dos bandidos</u>
<u>Que foi chegando e colocando</u>	<u>E em troca deixou lágrimas</u>
<u>As suas armas devagar no chão</u>	<u>Nos olhos do artista</u>
<u>O mesmo chão que guarda o sangue</u>	<u>Lágrimas, lágrimas</u>
<u>O mesmo chão de correrias</u>	<u>Na palma da mão pra aliviar</u>
<u>O mesmo chão de tantas famílias</u>	<u>Hoje mesmo, hoje</u>
<u>Que hoje batucam o mesmo som</u>	<u>Quando o barulho dos tiros sinalizam</u>
<u>Na palma da mão pra aliviar</u>	<u>O que acontece por lá</u>
<u>O negro brilhou e ajudou</u>	<u>Uma comunicação silenciosa</u>
<u>Aquelas almas distorcidas pela guerra</u>	<u>Se faz com a memória das armas no chão</u>
<u>Só com a viola, só com a voz</u>	<u>Por algum momento</u>
<u>Só com a viola suas ideias</u>	<u>Ganhando outra missão</u>
<u>O negro falou e falou alto</u>	

Essa letra é tão profunda que é a última faixa do álbum, e poderia ser a última a ser comentada no texto, pois deixa uma esperança de mudança de atmosfera num lugar tão sofrido, porém, no sentido de reforçar essa esperança.

Possui uma letra muito bonita e sensível pois mostra a potencialidade da arte nessas comunidades periféricas, capaz de ressignificar o lugar, transformá-lo num espaço ou um “lugar vivenciado, lugar praticado” (CERTEAU, 1998, p.202), para aqueles moradores, em que até mesmo os traficantes soltam as suas armas no chão para acompanhar “na palma da mão” a música que é iniciada por um negro e um violão no alto do morro, atitude que tirou lágrimas do artista.

Tocando bem alto no meu *walkman*, segue em frente.

Para finalizar queremos trazer mais duas músicas, *O cristo e Oxalá* e *Lado B, Lado A*.

Oxalá se mostrou assim tão grande
 Como um espelho colorido
 Pra mostrar pro próprio Cristo como ele era mulato
 Já que Deus é uma espécie de mulato
 Salve, Em nome de qualquer Deus, Salve
 Salve, Em nome de qualquer Deus, Salve
 Se eu me salvei, se eu me salvei
Foi pela fé, minha fé minha cultura, minha fé
Minha fé é meu jogo de cintura, minha fé, minha fé

O Cristo partiu do alto do morro que nós somos
Rodeados de helicópteros que caçavam marginais
A mostrar mais uma vez o seu lado herói, herói
Se transformando em Oxalá, vice-versa tanto faz
A rodar todo branco na mais linda procissão
Abençoando a fuga numa nova direção
 Minha fé, é meu jogo de cintura, minha fé
 Minha fé, é meu jogo de cintura, minha fé, minha fé
 La la ra ra

Lado B, Lado A

Se eles são Exú
Eu sou Iemanjá
Se eles matam bicho
Eu tomo banho de mar
 Com corpo fechado
 Ninguém vai me pegar
 Lado A Lado B
 Lado B Lado A
 No bê-a-bá da chapa quente
Eu sou mais o Jorge Bem
Tocando bem alto no meu walkman
Esperando o carnaval do ano que vem
Não sei se o ano vai ser do mal
Ou se vai ser do bem

O que te guarda, a lei dos homens
 O que me guarda, é a lei de Deus
Não abro mão da mitologia negra
Pra dizer eu não pareço com você
 Há um despacho na esquina do futuro
 Com oferendas carimbadas todo dia
 Eu vou chegar, pedir agradecer
Pois a vitória de um homem
Às vezes se esconde
Num gesto forte que só ele pode ver
Eu sou guerreiro, sou trabalhador
E todo dia vou encarar
Com fé em Deus e na batalha
Espero estar bem longe
Quando o rodo passar

Mesmo não sendo a última música do álbum sentimos a necessidade de que a música que nomeia o disco e o texto deveria ser a última a ser apresentada, numa tentativa de síntese e recomeço.

Um ponto interessante que o álbum traz é o sincretismo religioso. Passagens com menções a fé são capazes de sensibilizar até mesmo ateus, não apenas pela fé apresentada como *habitus* mas também por revelar as disputas entre dominados e dominantes dentro de um campo.

Selecionamos dois trechos, de duas músicas distintas para elucidarmos nossa reflexão.

O primeiro retirado da música o Cristo e Oxalá⁶, quando diz, que “**minha fé é meu jogo de cintura, minha fé, minha fé é minha cultura**”; e segundo a letra de Lado B, Lado A, também pode nos revelar uma disputa entre dominados e dominantes no campo, quando nos fala que “**se eles são Exu, eu sou Iemanjá, se eles matam um bicho eu tomo banho de mar, com o corpo fechado ninguém vai me pegar**”.

Tentando responder o primeiro dos nossos questionamentos, (Qual a contribuição da arte para resistirmos ao confinamento e isolamento social?) retomamos o início. O começo, a pandemia nos fez refletir e voltar a escutar algumas músicas, e seguir com “**Jorge Bem tocando bem alto no meu walkman**”, nos revelando que para um indivíduo em confinamento social, devido a pandemia, uma configuração coercitiva não planejada, a arte pode ser uma importante possibilidade de “fuga para um mundo de sonho” (ELIAS, 2001, p.257), e um elemento civilizador nas mudanças da balança nós-eu. Seu efeito catártico, e mimético, ao mesmo tempo que nos permite o controle das pulsões, nos faz manter a noção que não há eu sem o nós e vice-versa. Ao mesmo tempo que o isolamento social faria a balança pender para a individualidade-eu, a arte pode nos sensibilizar a não esquecer da identidade-nós, portanto a identidade é um processo que se desenvolve nas relações de dependência mútua entre o eu, o nós, e o eles.

Como resposta a nossa segunda questão (Qual a potencialidade da arte em contextos de pouco investimento social por parte do Estado?) entendemos que as reflexões que fizemos sobre a política, o lazer, o corpo e a cidade, a partir das letras do álbum Lado B, Lado A, apontam que os corpos “anônimos”/sujeitos do cotidiano (CERTEAU, 2001), podem ganhar voz quando suas histórias são contadas. A arte como resistência é cultura expressa pelos corpos nas cidades, num determinado tempo e espaço, em uma determinada atmosfera, com determinados contextos geopolíticos, históricos e socioculturais.

Apresentamos como considerações finais desse estudo a necessidade de pensar que nas configurações formadas nas cidades modernas as relações de interdependência ocorrem para além das dualidades: trabalho x lazer, ócio x negócio, sujeito x natureza, sociedade x indivíduo. Como questionou Bourdieu (1990, p.31 *apud* Matos, 2011, p.7) “cada vez mais me pergunto se as estruturas sociais de hoje não são as estruturas simbólicas de ontem [...]”. O que nos leva a pensar que apesar das dificuldades impostas por processos não planejados, ou

⁶ Para conhecer recomendamos acessar o “Cristo e Oxalá” em uma apresentação da banda “O Rappa”. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=KdNMw5sqGLo> > acesso em: 20 Jul. 2020.

por estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, (BOURDIEU, 1984) é preciso seguir em frente pois como diz a música “**eu sou guerreiro, sou trabalhador**” que nessas relações de disputa no campo resiste porque existe e existe porque resiste, “**lado B, Lado A, Lado A, Lado B**”.

“LADO B, LADO A”: REFLECTIONS ON LEISURE AND ART AS RESISTANCE OF PERIPHERAL BODIES IN CITIES

Abstract

In the present text we perform a socio-cultural analysis of an artistic product, the album Lado B, Lado A (1999), by the Rio band O Rappa. The context of the pandemic inspired us to think about the role of art as an element of resistance of individuals in the face of social confinement and isolation and at the same time as an element of resistance of individuals who live in the peripheries in search of making themselves heard. To this end we propose to establish a dialogue with authors from the fields of sociology (Norbert Elias and Pierre Bourdieu) and history (Michel de Certeau), considering aspects of public policy and State intervention in the social sphere, as well as manifestations of leisure and its mimetic and cathartic potentiality. Initially we present the context of the pandemic and its relationship with the micro and macro social sphere and a small digression on the socio-cultural context in which the work under analysis was produced. In a second moment we left for analysis of some selected songs from the album "Lado b, Lado a", and finally we present our final considerations.

Keywords: Art. Resistance. Pandemic.

LADO B, LADO A: REFLEXIONES SOBRE EL ÓCIO Y EL ARTE COMO RESISTÊNCIA DE LOS CUERPOS PERIFÉRICOS EN LAS CIUDADES

Resumen

En el presente texto realizamos un análisis sociocultural de un producto artístico, el álbum Lado B, Lado A (1999), del grupo carioca O Rappa. El contexto de la pandemia nos inspiró a pensar en el papel del arte como elemento de resistencia de los individuos frente al confinamiento y aislamiento social y al mismo tiempo como elemento de resistencia de los individuos que viven en las periferias en busca de hacerse oír. Para ello nos proponemos establecer un diálogo con autores de los campos de la sociología (Norbert Elias y Pierre Bourdieu) y la historia (Michel de Certeau), considerando aspectos de política pública e intervención del Estado en la esfera social, así como las manifestaciones del ocio y su potencialidad mimética y catártica. Inicialmente presentamos el contexto de la pandemia y su relación con la esfera micro y macro social y una pequeña digresión sobre el contexto sociocultural en el que se produjo el trabajo analizado. En un segundo momento dejamos para el análisis algunas canciones seleccionadas del álbum "Lado b, Lado a", y finalmente presentamos nuestras consideraciones finales.

Palabras clave: Arte. Resistencia. Pandemia.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985

BASTOS, Rodrigo Dantas. Na rota do fogo: especulação imobiliária em São Paulo. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, p. 202, 2018. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/332741>> acessado em: 20 out. 2020.

BOURDIEU, Pierre. A representação política: elementos para uma teoria do campo político, In: BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

_____. **A cultura do plural**. Campinas: Papyrus, 1995.

CAMARGO, R. Philipe. **O programa bolsa-atleta**: desenvolvimento da performance esportiva e política de *welfare state*. Tese (Doutorado em Educação Física) Universidade Federal do Paraná, p. 190, 2020.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: Volume 1 - uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2. Ed., 2011.

_____. **O processo civilizador**: Volume 2 – formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca pela Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, Jhon. **Os Estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.



MATOS, Eliane Bragança de. A gênese da resistência criativa nas idéias de agência de Certeau e de *habitus* de Bourdieu. In **XXXV Encontro da ANPAP**, 2011, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos do XXXV Encontro da ANPAP. Rio de Janeiro: FAPESP, 2011. P. 1 – 16. Disponível em: < http://www.anpad.org.br/diversos/down_zips/58/MKT2526.pdf> acessado em; 20 out. 2020.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994

O RAPPÀ. **Lado B Lado A**. Rio de Janeiro: Warner Music, 1999. 1 CD.

SILVA, Maria Rita Aredes da. **Lado B Lado A – uma crônica social**: análise semiótica do CD do Rappa. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística) Universidade de São Paulo, p. 103, 2009.